

FICHA TÉCNICA PARA ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO: Grafite

CATEGORIA: Expressões culturais.

COMUNIDADE ASSOCIADA: Planalto Ayrton Senna

ENTREVISTADO: Davi Favela

BREVE DESCRIÇÃO: DATA DA ENTREVISTA: 19 de Setembro de 2024

MINUTAGEM:

[Para acessar a entrevista, clique aqui!](#)

0:31 - 0:42

0:53 - 1:34

1:37 - 0:21

2:29 - 3:19

3:23 - 4:33

4:42 - 5:45

5:53 - 6:28

6:42 - 7:56

8:01 - 10:09

10:26 - 11:55

12:01 - 13:17

13:24 - 14:58

16:49 - 18:34

*vídeo cortado. a conclusão está somente no áudio: 18:43 - 20:19

[ENTREVISTADOR] Vamos lá de novo. 3, 2... Pergunta, tá ok? Todo mundo ok?

[ENTREVISTADOR] Ok. 3, 2, 1...

[ENTREVISTADOR] Boa tarde, eu me chamo Miguel e a gente tá participando do projeto Patrimônio para Todos. Estamos aqui mapeando, sabe, os patrimônios do bairro, entrevistando as pessoas.

[ENTREVISTADOR] Eu me chamo Emily e junto com o Miguel estou te entrevistando. Você poderia se apresentar pra gente?

[Davi Favela] Olá a todos do Projeto Patrimônio para Todos. Meu nome é Davi Favela, conhecido como Davi Favela, e sou morador da comunidade desde o início da ocupação.

[ENTREVISTADOR] Então Davi, você disse que está aqui desde a ocupação, né? Qual é a relação com esse bairro daqui?

[Davi Favela] A relação é amor, acima de tudo. Acho que é uma palavra que retrata e especifica bastante o sentimento que eu tenho por essa comunidade. A relação porque a gente que ocupou, as primeiras famílias a ocupar esse espaço, que é onde estava aqui ocioso, que daí deu início a questão da moradia que as nossas famílias precisavam naquela época. Quando você constrói um lar, você tem amor por aquele lar, né? Então, essa toda ocupação tem muita relação, porque tem amor, tem o meu lar, e tem a minha infância, e tem a vida dos meus amigos, dos meus familiares. Então, isso, o sentimento, a palavra específica é amor por essa comunidade, por esse bairro, né?

[ENTREVISTADOR] Davi, poderia falar pra gente onde o senhor nasceu?

[Davi Favela] Eu nasci na cidade de São Luís do Curu, depois da região metropolitana de Fortaleza. Vim para cá com sete anos de idade para outra ocupação, chamado Alto da Coruja. E em 1990 existiu a união de várias pessoas, várias famílias dizendo que tinha uma área a ser ocupada, que seria essa área hoje. Então meus pais, meus avós, todo mundo se reuniu para poder vir para cá. A gente morava, veio do interior para cá, morava, apesar de estar em outra ocupação, a gente morava de aluguel. E aqui era a chance de nós se livrar do aluguel e ter o seu lar.

[ENTREVISTADOR] Davi, você pode compartilhar pra gente alguma memória especial ou significativa daqui do bairro que você viveu?

[Davi Favela] As varedas ou veredas, as plantas, as árvores frutíferas, os riachos que tinha, que cortava aqui o nosso bairro. Inclusive na Apocalipse tinha um grande riacho que quando enchia a gente tomava o banho lá. A lagoa, Lago Azul. E a imensidão de campos que tinha aqui, campos de futebol. Então, para você que é jovem, 14, 15, 16 anos, quanto mais espaço você desbravar, isso me chamava, logo no início da ocupação, uma das coisas que mais me... me traz uma certa nostalgia, que era o espaço que era verde, como a gente está nesse espaço que ainda existe dentro do nosso bairro. Então, o que me traz recordação logo do começo da ocupação é o verde, a vida, essa coisa toda.

[ENTREVISTADOR] Qual o seu principal trabalho?

[Davi Favela] Hoje eu sou grafiteiro de profissão, pichei dos meus novos aos 19 anos, mas sempre tive uma ideia de ideia politizada através das minhas pichações. Deixo baseado para depois, legalize já o feijão com arroz. O melhor amigo do povo é o próprio povo organização. Sempre tinha frases de punhos políticos, punhos de conscientização. E migrando para o grafite, onde eu aprendi toda a técnica através da pichação. E hoje eu faço os painéis com as mesmas ideias, só que em forma de imagens, passando, tornando e deixando visível um muro

como se fosse uma galeria de arte a céu aberto. Hoje a minha principal ocupação é essa e eu ensino também e leciono essa parte de grafite para outras pessoas que queiram aprender. Eu sou educador penal, monto ateliês de pintura dentro do sistema carcerário, hoje, dos maiores, e a minha vida toda foi através da arte. Não tenho carteira assinada, nunca tive essa parte de CLT, mas tudo que eu tenho hoje foi através do grafite. Foi a profissão que me proporcionou isso.

[ENTREVISTADOR] Então, David, você disse que você pichava, né, desde os seus 9 anos. Você aprendeu com alguém ou você só começou, tipo, do nada?

[Davi Favela] Eu acho que vem de uma coisa do ser humano. O ser humano, ele quer se expressar, quer deixar a sua marca. Eu estive aqui, eu passei ali. Acho que o próprio... animal ou o próprio cachorro vai no poste ele desmarca o seu território eu acho que o ser humano é a mesma coisa o ser humano ele quer deixar sua marca de alguma coisa da sociedade ou na música ou na dança ou na história ele quer deixar sua marca e eu como ser humano também quis deixar minha marca porque eu vi que no meu bairro, na minha cidade, tinha alguma coisa errada pelo descaso social. Eu quis expressar esse descaso social que estava tendo na minha comunidade para a própria sociedade saber que lá na minha rua ainda tinha esgoto, aliás, ainda tem esgoto a céu aberto. questão de infraestrutura, acesso à cultura, o lazer. Então, eu me expressava através das minhas pichações, através do meu grafite. Isso, me expressava para a sociedade saber que tem um público, tem umas pessoas que basicamente são invisíveis à sociedade. E o grafite me tornou visível para mostrar isso.

[ENTREVISTADOR] Quais foram, Davi, as suas primeiras obras do grafite? Qual é a sua mais famosa até hoje?

[Davi Favela] Eu não digo obra famosa, eu digo estilo, que é justamente esse estilo politizado, de você realmente passar uma informação através das cores e sabendo que a arte, uma das sétimas maravilhas do mundo, ela por si já chama... Atenção, além da terapia de cores, quando você se harmoniza com as cores e quando você aproveita essas cores e ainda passa uma mensagem, então isso para a pessoa que passa e vê, ela vai ser chamada pela mistura de cores e depois ela vai ser abraçada pela mensagem que aquele grafite proporciona. Eu acho que não tem o grafite sim, mas sim o estilo.

[ENTREVISTADOR] Qual o fato mais marcante do seu trabalho?

[Davi Favela] Pronto. Eu não digo que o Davi Favela, mas a arte do Davi Favela me levou a vários cantos. Eu estive em Estocolmo, na Suécia. Estive em Montreal, no Canadá. Já fiz trabalho para inúmeras pessoas famosas, o pessoal da câmera da Globo, as pessoas lá da UDO, artistas. Não o Davi Favela, mas a arte do Davi Favela me proporcionou isso. Ela está em patamares que eu nunca imaginaria estar. E hoje fazer um quadro de um Whindersson Nunes, fazer uma jaqueta da apresentadora do mais, sei lá, da Rede Globo. Então isso para mim é muito significativo, que a arte do David Favela proporcionou isso, que isso também é possível. Ah, porque eu sou de periferia, porque eu sou de uma área carente, que eu não posso ter uma potência de mostrar a minha potencialidade para vencer as barreiras do meu bairro. E como eu falei, nos momentos que a gente sempre estava. A possibilidade de eu levar o nome da minha comunidade, do bairro Pantanal ou do bairro Planalto Ayrton Senna Sena, eu sempre

vou levar essa bandeira aonde eu for e aonde eu estiver. Sempre levarei o nome do meu bairro primeiramente e o nome da minha arte.

[ENTREVISTADOR] Você poderia contar um pouco da história da comunidade?

[Davi Favela] Posso sim. Eu participei da ocupação de 1990, 27 de julho de 1990. A gente se reuniu em frente ao Colégio de Origões, que ainda hoje existe, muitas das pessoas aqui conhecem. Então foi em torno de 4 mil pessoas. O meu avô foi um dos caras que cortou as primeiras carnalbeiras daqui para fazer as vulgo gambiarra, para puxar a energia lá da Maraponga e do José Walter. Então, eu ajudei ele a fazer esse corte dessas carnalbeiras. Era muito pequeno. Aqui não tinha água. Aqui só tinha algumas árvores frutíferas. E o que salvou aqui foi a ceasa. A ceasa é onde a gente ia para lá pegar alimentos, frutas, para poder se sustentar. E a água foi através de cavar mesmo as cacimbas. Então, isso, quando você realmente põe a mão na terra, a mão na massa, você cria amor pelaquela obra. Então, muitas pessoas simbólicas, como a Eliege Costa, que foi uma das grandes líderes, o Sr. França Jerônimo, que foi um dos primeiros presidentes da associação, O seu Carlos Duque fez a primeira passeata da lamparina para nós conseguir energia, que aqui também não tinha energia. Era lamparina e vela em 1990. E os meus amigos que infelizmente eu perdi. Por nós estarmos em um território periférico, eu acho que de 1990 para cá eu devo ter perdido mais de 100 amigos. Sem contar os que estão presos. E poucos estão aqui para contar a história. Então, essa trajetória do meu bairro, o amor por ele, é porque a gente construiu a nossa própria história. Quando você constrói a sua própria história, você se torna o protagonista principal, não um quadruvante. Não precisa de um atravessador de povo para contar a história. a sua história, nós mesmos contamos a nossa história, que muitas vezes foi escrito com sangue, foi escrito com suor, foi escrito de diversas formas, pela luta que a gente ainda tem de melhores dias para a nossa comunidade e nosso bairro do Planalto Ayrton Senna.

[ENTREVISTADOR] Mas então, Nabi, eu tenho uma pergunta aqui. Quais foram as mudanças e, se puder dizer, as maiores mudanças que você observou ao longo do bairro? Porque você disse que estava desde o começo e até hoje eu acredito que deve ter mudado bastante.

[Davi Favela] Pronto. Coisa que não tinha e depois de um certo tempo mudou bastante, os colégios. Só tinha o colégio CIES, né? E aí o Liceu foi uma luta também, que a obra começou, aí embargou, e a gente fez uma manifestação do outro lado, que é que não tinha os muros ainda, eram só os muros embaixo, e a gente fez uma manifestação grande para poder reativar e reativar a obra para que ela fosse concluída, que também é o motivo de vocês estarem aqui hoje. Se não fosse essa luta dessas pessoas passadas, acho que a maioria também não estava aqui. E a mudança foi muitos colégios, né? Infraestrutura, né? Infelizmente a gente não tem ainda o saneamento básico, mas agora o fenomenal principal é o poder econômico do nosso bairro, que é puxado pela nossa feira, que ela tem 32 anos, ela nasceu dois aninhos depois da ocupação do bairro, surgiu da necessidade das pessoas ter alguma coisa. para poder sustentar as suas famílias, que elas pegavam os restos que vinham de sobras lá da CEASA e ela mesmo vendia por aqui. Então, nasceu essa feira. Então, o poder econômico do nosso bairro é uma das grandes transformações, uma das grandes coisas que você não precisa ir em nenhum canto da cidade procurar uma coisa que você já tem aqui. O que a gente só não tem hoje é o banco, mas acho que o banco hoje não é mais necessário mediante os bancos digitais, essa coisa toda. Então, uma das grandes transformações, claramente, é o poder econômico do nosso bairro.

[ENTREVISTADOR] Para você, quais são os principais desafios aqui do bairro, da preservação, da vivência daqui?

[Davi Favela] Eu acho que o próprio povo acreditar nele mesmo, né? Porque normalmente, ah, nós só acreditamos no santo que não é de casa, nós só acreditamos no santo de tal. Eu acho que tem muitas pessoas, muitas potências aqui que devem ser valorizadas, que devem ser... altamente valorizada e trabalhada, porque tem coisas que acontecem aqui, às vezes o cara é preciso sair daqui para poder ter uma assistência ou ter visibilidade em outro canto, porque às vezes procura dentro do bairro e às vezes não tem. Mas encontrar uma ferramenta e uma forma que potencialize essas potencialidades daqui do bairro, um projeto bom, o IntegraSol, a TV Janela, a Associação, as pessoas que se destaquem, que elas possam ter mais espaço. Os heróis anônimos, o professor da capoeira, o professor do futebol, o professor do basquete, que de alguma forma tiram um tempinho para poder ajudar e dar uma força às crianças e aos jovens. Eu acho que é isso. E pessoas unidas. Eu acho que o melhor amigo do povo é o próprio povo organizado mesmo, ajudando as nossas coisas e cuidando das nossas coisas. E os nossos patrimônios, se a gente não cuidar dos nossos patrimônios, ninguém vai cuidar. Só quem deve cuidar é nós mesmos, os nossos patrimônios são nossos.

[ENTREVISTADOR] É verdade. Como é que você vê, Davi, o futuro desse bairro, do patrimônio construído aqui?

[Davi Favela] Cara, aqui é praticamente uma metrópole, estamos em torno de 65 a 70 mil pessoas aqui dentro, diante da nova lei do bairro e também esses condomínios grandes que tem. Eu acho que a gente tem um PIB maior do que muitas cidades do interior do Ceará. Eu acho que o que a gente produz em imposto, eu acho que retorna ainda muito pouco, infelizmente. Eu espero que esses impostos que todas essas pessoas geram aqui dentro possam ter um retorno igualitário de acordo com o que a gente produz de imposto para estado, para para o governo e sim de retorno realmente no lazer, na cultura, no esporte, na educação que é o principal. Eu acho que a gente deve ser visto mais pela gestão pública, não como uma questão de obrigação, mas pela questão de responsabilidade social, de políticas públicas mais específicas para a nossa área periférica. Por nós morarmos na divisa com o Maracanã, Não é porque nós estamos na divisa que sempre fica aquela coisa, não, é do Maracanã, não, é de Fortaleza. Sempre ficamos ali à mercê de quem vai cuidar desse território. Mas deve-se partir das organizações, de associações, de moradores, de lideranças, onde elas possam estar se organizando e estar lutando também por melhoria, igual nossos antepassados, de duas décadas, três décadas atrás lutaram e conseguiram as nossas benfeitorias. Água, luz, coisas que não existiam naquele tempo e hoje a gente tem.

[ENTREVISTADOR] Tem algo mais em particular que você gostaria de compartilhar sobre o bairro? Seja alguém que você lembra, algum lugar específico que hoje cresceu ou, sei lá, sumiu, sabe, alguma coisa específica?

[Davi Favela] Como eu falei no começo, eram os campos. A gente tinha muito campo, muita área de lazer. Hoje só temos a areninha, que quase também a gente não tinha. No caso, a gente falou que lá estava sendo ocupado e a gente conseguiu tirar a ocupação e fazer uma manifestação e ter a prefeitura e conseguir que lá se tornasse uma areninha. Eu acho que o

marco para nós lá é a areninha do Planalto da Sena, que é do campo lá do Vila Nova, onde tem esgoto, onde tinha tudo lá e as pessoas ocuparam, onde tinha os parques, onde os circos vinham. Então, é um momento muito nostálgico nosso, porque é a entrada do nosso bairro e é um ponto, basicamente, hoje também de encontro, onde as pessoas se encontram. E o segundo ponto é a Rua Quixadá, que é a rua da feira, onde nós nos encontramos todas as sextas, sábados e domingos, aliás, todos os dias da semana, por ser uma feira... continuada, né? E a grande feira no sábado e domingo. E lá onde eu moro, eu tenho a minha casa lá na rua da feira, tem outra aqui na São Francisco, mas lá é um comércio lá da minha família. E lá foi onde eu comecei praticamente tudo, aqui dentro do bairro. A gente fez as nossas barraquinhas, mamileiro com plásticos em cima, umas palhazinhas de coqueiro da lateral, E um cachorro, que é o Shidog, que a gente trouxe naquela época, ele veio correndo lá da sainha para cá. Basicamente isso.

[ENTREVISTADOR] Qual é a história daquele grafite tão famoso que fica na Rua da Feira, né? A Rua Quixadá, que também é muito conhecida como Central.

[Davi Favela] Bom, a gente só tinha a Rua da Feira naquela época como uma espécie de uma praça, até porque como somos uma área de ocupação, a gente não teve espaço para dizer onde é que tinha praça, alguma coisa assim, então a gente não teve praça. E a Quixadá sempre foi assim, onde o momento que 5 horas da tarde, 6 horas, as pessoas... tomava banho, botava o tamborete na calçada e as meninas passeavam e os meninos passeavam, né? Então, tem essa esquina até hoje lá. Aí eu acertou de, pô, eu vou pedir aqui o seu Pedro e ver se ele libera pra nós fazer aqui uma arte e tal, pra chamar mais atenção ainda à nossa rua, né? Isso foi em 97. E aí ele liberou, não, pode fazer, Davi, que eu já era conhecido nessa época já, né? O primeiro grafite que eu tenho imagens ainda é um globo com o nome Jesus e a data da virada, que era de 97 para 98, que seria o próximo ano da Copa. Eu até fiz ele meio colorido com as cores do Brasil. E aí desde lá, todo ano, sempre que possivelmente renova, E bota feliz, o que está lá agora é feliz 2024, eu fiz ele em 2023 para 2024, aí ficou lá feliz 2024. Todo ano a gente modifica, eu coloco uma frase, eu coloco uma imagem, que é onde a comunidade se identifica e na virada do ano novo ou no Natal as pessoas vão lá e batem foto, para poder existir como se fosse um ponto turístico da comunidade. No caso, é esse painel lá da rua que hoje está o Cristo Redentor, com Feliz 2000 e Sempre e embaixo Feliz 2024.

[ENTREVISTADOR] Então, Davi, para finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para as futuras gerações daqui, para eles saberem o que foi esse patrimônio do Planalto Ayrton Senna Sena, também conhecido como Pantanal?

[Davi Favela] Pantanal. O Valdenouco costuma falar Pantanal escrito e construído na palma da mão, pelas mãos dos nossos moradores e das pessoas que ocuparam. O que eu tenho de deixar de mensagem é que...